

**PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE - PMPA**

**FUNDAÇÃO DE ASSISTENCIA SOCIAL E CIDADANIA – FASC**

**ASSESSORIA DE VIGILANCIA SOCIOASSISTENCIAL E PLANEJAMENTO**

**TÍTULO DA PESQUISA: ESTUDOS QUANTI-QUALITATIVOS POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DE PORTO ALEGRE**

**COORDENADORA DA PESQUISA NA FASC: SIMONE RITTA DOS SANTOS**

**DATA: 15 DE DEZEMBRO DE 2016**

#### **1. HISTORICO DA REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

- Em julho de 2015 foi lançado o Edital para contratação de Universidade para realização da pesquisa quanti-qualitativa sobre o tema população em situação de rua no município de Porto Alegre.
- O Edital público selecionou a UFRGS por meio do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia/Departamento de Antropologia Social, única universidade participante do processo de seleção.
- A FASC contratou três estudos: Censo da população adulta e de crianças e adolescentes em situação de rua, o estudo qualitativo dos serviços de atendimento a população em situação de rua e o estudo com os trabalhadores da rede de serviços responsável pelo atendimento a população.
- O custo da pesquisa foi de R\$ 300.000,00 financiado com recursos do Fundo Nacional de Assistência Social /FNAS. Foram liberadas quatro parcelas da pesquisa, no valor de R\$ 264.000,00, pendente ainda R\$ 36.000,00 que será liberado após finalização da pesquisa.
- O contrato 023/2015 foi assinado em 28.12.2015 e a pesquisa iniciou em fevereiro de 2016 com prazo em 28.09.2016. O contrato foi aditado por prazo em 31.12.2016 e encontra-se em fase de assinatura entre a FASC e a UFRGS, um sendo aditivo de prazo prorrogando para 31.03.2017.
- A coordenação da pesquisa junto a Universidade ocorreu pelos professores Ivaldo Gehlen e Patrice Schuch e a coordenação da pesquisa na FASC pela servidora Simone Ritta dos Santos.
- O cronograma inicial da pesquisa sofreu atraso em função da Resolução 510 de 07 de abril de 2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, aprovadas pelo Conselho Nacional de Saúde. As novas orientações da Resolução exigiram a avaliação do projeto de pesquisa em junho de 2016 que foi analisado e aprovado em 11.08.2016.
- No período de março a dezembro ocorreu a realização do campo junto aos trabalhadores, serviços e população adulta e de crianças e adolescentes, o Curso de Extensão em abril de 2016, a escrita dos artigos pela FASC e população em situação de rua. Nesse momento, se encontra em fase de análise os dados do campo dos estudos dos trabalhadores e dos serviços. O Relatório de Criança e adolescente, também deverá ser apresentado pela UFRGS. Em dezembro está ocorrendo a entrega do primeiro relatório final do Estudo (Censo) com a população adulta em situação de rua da cidade de Porto Alegre.

- Está prevista para a primeira quinzena de março a entrega do **Relatório Final** contendo o resultado dos estudos qualitativos da criança e do adolescente, dos Trabalhadores e das instituições/serviços de atendimento à população em situação de rua.
- Será lançada a **publicação** denominada **“População de Rua: políticas públicas, práticas e vivências”**. O livro visa apresentar os resultados da pesquisa por parte da Universidade, mas também traz artigos produzidos pelo Movimento da População em Situação de Rua e dos trabalhadores da FASC. Serão impressos 2000 exemplares a serem distribuídos gratuitamente.
- Realização de **Atividade de 8 horas** para apresentação do resultados dos estudos dos Trabalhadores e dos Serviços ocorrerá na primeira quinzena de março.
- Acompanhamento da Pesquisa foi realizado pela FASC por meio da Comissão de Acompanhamento da Pesquisa. A Comissão sob coordenação da FASC, por meio da servidora Simone Ritta dos Santos, teve representação institucional, da UFRGS e do Movimento da População em Situação de Rua e do Jornal Boca de Rua. Reuniu-se ao longo dos últimos onze meses, com reuniões entre seus integrantes, com vistas a monitorar e contribuir no processo de pesquisa.

## 2. Cadastro e Mundo da População adulta em situação de rua de Porto Alegre/RS

- Realização de **cadastro e Mundo** da população adulta e de crianças e adolescentes no período de setembro a outubro de 2017.
- O **estudo objetivou** recensear, mapeando os locais de utilização, conhecer as especificidades da formação antropológica dessa população, identificar seus dados étnicos, socioeconômicos e culturais, suas estratégias de sobrevivência, de trabalho e geração de renda, suas formas de sociabilidade, suas identidades e representações sociais, suas relações com instituições e suas principais demandas.
- **Universo da Pesquisa – a definição que orientou a realização do estudo:** de acordo com a definição atual da Política Nacional para Pessoas em Situação de Rua e de modo a possibilitar comparações com as duas pesquisas realizadas em 2008 e 2011, se configura como população de rua na cidade de Porto Alegre, abarcaremos como o universo a ser abarcado, todos os adultos que se encontrassem em abrigos e albergues destinados ao acolhimento e/ou ao abrigo temporário, intermitente ou definitivamente, assim como aqueles que se encontrassem em atividades de perambulação/circulação pelas ruas e/ou que dissessem fazer da rua seu local de existência e habitação, mesmo que temporariamente. O universo de pesquisa conjungou uma diversidade de fatores, entre os quais se destacam: os modos de utilização (casas abandonadas, viadutos, parques) – em habitação, perambulação, permanência ou outra forma de existência social, mesmo que situacional; o uso dos serviços destinados ao acolhimento de pessoas que necessitem de abrigo temporário, intermitente ou definitivamente. A aparência e a cultura material dos pesquisados.
- **Participação das pessoas em situação de rua na pesquisa:** como participantes do Grupo de Acompanhamento da pesquisa e no processo de trabalho de campo, como facilitadores de campo, e também como palestrantes e participantes no curso de extensão.
- **Instrumentos:** aplicação de cadastro e questionário, previamente submetidos a avaliação da equipe de monitoramento da pesquisa.

- Mapeamento e realização do censo – cruzamento de informações obtidas junto a FASC, aos facilitadores (representantes do universo social estudado) visitas de reconhecimento do campo. O campo foi realizado nas 17 regiões do OP.
- Foram encontrados 2115 adultos em situação de rua na cidade, no período investigado; desses 1758 aceitaram participar da pesquisa e tiveram seus dados cadastrados. A diferença entre esses números refere-se as pessoas apenas contadas para fins de contabilização da população, mas por diversos motivos – pela recusa de participação no estudo, pela impossibilidade de responder a pesquisa devido a alterações psicológicas e/ou comportamentais ou pelo fato de estarem dormindo – não puderam responder ao cadastro. A pesquisa também trabalhou simultaneamente com uma amostra quantitativa da população investigada, que fez o total de 467 pessoas. A amostra possibilita compreender em maior detalhe as condições de vida das pessoas em situação de rua, práticas cotidianas, modos de inserção urbana, condições de saúde, violência, expectativas para o futuro e as relações com as políticas públicas.
- O instrumento previu o registro exato do local onde foi realizado o cadastro ou aplicado o questionário, possibilitando uma visualização bastante fidedigna sobre a distribuição territorial dessa população na cidade. Como previsto, a região de maior concentração de pessoas pesquisadas foi o Centro (39,7%), Floresta (12%), Menino Deus (7%), o que totaliza o percentual de 58,7%, conforme especificado abaixo:

**Tabela 03 – Bairro em que os instrumentos foram aplicados**

<i>Bairro</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
Agronomia	3	0,2
Azenha	83	4,7
Bom Jesus	25	1,4
Bom Fim	34	1,9
Centro	698	39,7
Cidade Baixa	98	5,6
Cristal	6	0,3
Cristo Redentor	6	0,3
Farroupilha	34	1,9
Floresta	211	12,0
Glória	13	0,7
Humaitá	6	0,3
Independência	13	0,7
Ipanema	10	0,6
Jardim Botânico	8	0,5
Jardim Itú-Sabará	3	0,2
Jardim Lindóia	17	1,0
Jardim do Salso	3	0,2
Lami	1	0,1
Lomba do Pinheiro	6	0,3
Medianeira	3	0,2
Menino Deus	131	7,5
Navegantes	102	5,8
Nonoai	5	0,3
Partenon	14	0,8

Passo d'Areia	21	1,2
Petrópolis	1	0,1
Praia de Belas	51	2,9
Restinga	22	1,3
Rio Branco	4	0,2
Rubem Berta	20	1,1
Santa Cecília	4	0,2
Santa Tereza	1	0,1
Santana	60	3,4
São Geraldo	5	0,3
São João	4	0,2
São José	4	0,2
Sarandi	5	0,3
Teresópolis	5	0,3
Tristeza	2	0,1
Vila Ipiranga	6	0,3
Vila Nova	10	0,6
<b>TOTAL</b>	<b>1758</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e o Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2016.

#### 4. Caracterizações Gerais da População Estudada:

Neste capítulo estão dispostos os dados coletados junto à população adulta, no instrumento de cadastro. Importa salientar que, para efeito de comparação, se tomou os resultados das pesquisas de 2007-8 (UFRGS, 2008) e, oportunamente, também de 2011 (FASC, 2012). Esta comparação permite estabelecer semelhanças e diferenças no comportamento e nas características da população, as frequências e os graus de invariância e de mudança, os traços da evolução e tendências, mais ou menos estáticas, da população estudada.

Da população em situação de rua cadastrada, 85,7% são do sexo masculino e 13,8% do sexo feminino. Na pesquisa de 2007-8 havia a expectativa de que a representatividade da população feminina, que na época representava 18,2%, viesse a crescer. Isto não só não se verificou como, também, evidenciou-se uma redução de quase um terço da mesma junto à população em situação de rua.

**TABELA 04– Gênero**

<i>Gênero</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>
Masculino	1502	85,7
Feminino	242	13,8
Outro	9	0,5
Inválidos	5	-
<b>Total</b>	<b>1758</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2016

À semelhança da pesquisa de 2007-8, mais da metade dessa população nasceu em Porto Alegre ou na região metropolitana (ambas somam, juntas, 59,1%). Destaque para o aumento do percentual de pessoas nascidas na capital do Estado. Já a participação da migração para Porto Alegre, de outros municípios (32%) e de outros estados (6,9%), manteve-se relativamente estável. Vejamos a tabela:

**TABELA 05 – Local de nascimento dos entrevistados**

<i>Locais</i>	<b>2007-8</b>		<b>2016</b>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>
Porto Alegre	503	41,8	804	49,3
Região Metropolitana de Porto Alegre	123	10,2	160	9,8
Interior do Estado	421	35,0	523	32,0
Outro estado	83	6,9	112	6,9
Outro país	7	0,6	23	1,4
NS/NR	66	5,5	9	0,6
Inválidos			127	-
<b>Total</b>	<b>1203</b>	<b>100</b>	<b>1758</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisas Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2007-8 e 2016.

Para aqueles que não nasceram em Porto Alegre foi perguntado onde nasceram. A resposta à questão onde morava antes de vir para a Capital atestou que muitos viveram (68,2%) por algum tempo em outras cidades, outros estados ou mesmo outro país.

**TABELA 06 – Local de moradia antes de vir para Porto Alegre**

<i>Locais</i>	<b>2007-8</b>		<b>2016</b>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>
Região Metropolitana de Porto Alegre	202	23,4	225	26,4
Interior do Estado	401	46,5	478	56,0

Outro estado	122	14,2	115	13,5
Outro país	12	1,4	16	1,8
NS	5	0,6	---	---
NR	120	13,9	20	2,3
<b>Total</b>	<b>862</b>	<b>100</b>	<b>854</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2007-8 e 2016 (N: 857).

Chama a atenção que 24,7% afirmaram estar morando em Porto Alegre no máximo há cinco anos, dentre os quais pouco mais da metade (12,5%) está morando há menos de um ano. Percentuais bem inferiores dos que disseram morar na Capital há mais de 20 anos (51,1%). Os dados estão indicando duas características: a existência de mobilidade territorial realizada principalmente na direção do interior do estado para capital e a consolidação da moradia em Porto Alegre entre grande parte da população adulta em situação de rua. A observação dos resultados das pesquisas de 2007-8 e de 2016 confirma esta perspectiva.

**TABELA 07 –Tempo de moradia em Porto Alegre**

<i>Tempo</i>	2007-8	2016
	%	%
Até um 01 ano	11,6	12,5
Entre 01 e um dia e 05 anos	10,6	12,2
Entre 05 e um dia e 10 anos	7,7	10,1
Entre 10 e um dia e 20 anos	10,7	14,1
Há mais de 20 anos	21,8	51,1
Desde que nasceu	28,3	---
Não lembra	0,5	---
NR	8,7	---
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2007-8 e 2016.

Verifica-se uma relativa concentração etária acima da faixa dos 35 anos. No estudo de 2007-8 entre 18 e 24 anos encontrou-se 19,7% da população e no intervalo dos 25 aos 34 foram 30%, totalizando quase 50% da população. Já os dados coletados em 2016 revelaram uma menor participação destes jovens na composição etária da população. A população entre 18 e 24 anos reduziu sua participação percentual em praticamente 50%. Em realidade, a população inserida nos intervalos entre 35 e 44 anos, 45 e 59 anos e de 60 anos ou mais tiveram um aumento percentual de participação alcançando, respectivamente, 29,1% , 25,3% e 7,0%. Em resultado, mais de 60% da população tem 35 anos ou mais (61,4%). Assim, os dados revelam que, em paralelo ao aumento demográfico da população, há um processo de envelhecimento da mesma.

**TABELA 08 – Faixa etária dos entrevistados**

<i>Faixa etária</i>	<b>2007-8</b>		<b>2016</b>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>
De 18 a 24 anos	237	19,7	170	9,9
De 25 a 34 anos	361	30,0	495	28,7
De 35 a 44 anos	266	22,1	501	29,1
De 45 a 59 anos	263	21,9	435	25,3
60 anos ou mais	39	3,2	120	7,0
NS/NR	37	3,1	-	-
Inválidos			37	-
<b>Total</b>	<b>1203</b>	<b>100</b>	<b>1758</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2007-8 (N=1203) e Pesquisa Perfil e o Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2016

Com relação ao tempo na rua, os dados das entrevistas por amostragem apontam que um quarto (25,3%) dessa população está há pelo menos um ano vivendo nessa situação. Em paralelo, a permanência na rua por mais de 5 anos para 47,8% dos entrevistados indica a demanda por políticas públicas que este grupo social. É importante ter em mente, entretanto, que as formas de registro e marcação do tempo, para a população em situação de rua, não necessariamente são as mesmas das pessoas que não estão na rua. A vivência do cotidiano e a memória dos eventos são condicionadas por rotinas diferentes, afetadas por outros fatores que não os de calendários formais, podendo consistir de simplificações e aproximações. Porém, o objetivo da pesquisa não é medir com exatidão o tempo de permanência na rua, mas ter uma ideia aproximada da realidade vivida, tal como é narrada e contada pelos entrevistados.

Uma das relevantes possibilidades desse estudo é a comparação entre variáveis previstas nas pesquisas anteriores. Comparando aos dados de 2016 com as pesquisas anteriores, vê-se uma tendência de cronicidade da situação de rua, com crescimento dos percentuais de tempo em faixas temporais de mais de 10 anos de rua. Na pesquisa de 2007-8, o percentual de pessoas com mais de 10 anos de rua era de 19,1%; este percentual representa, hoje, 29,2% da população investigada. Agregando os dados daqueles que estão há mais de 5 anos na rua, temos quase a metade da população (47,8%);

**TABELA 09 – Tempo em que vivem em situação de rua, Porto Alegre – 2007, 2011 e 2016.**

<i>Tempo em que está na rua</i>	<b>2007-8</b>	<b>2011</b>	<b>2016</b>
	<b>%</b>	<b>%</b>	<b>%</b>
Há menos de 1 ano	29,3	22,5	25,2
De 1 a 5 anos	28,3	29,7	27,1
De 5 a 10 anos	18,4	17,8	18,6
De 10 a 20 anos	14,1	16,2	19,3
Mais de 20 anos	5,6	10,0	9,9
NS/NR	4,3	3,8	---
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em situação de Rua de Porto Alegre, 2007, 2011 e 2016.

Com relação à raça/cor dos cadastrados, no que se refere à raça/cor autoatribuída, temos o primeiro lugar para a categoria branca, que contou com 34,3% dos casos, seguida da categoria negra, que contou com 24,6% dos casos. Os autodeclarados “pardos” ficaram com 12,3%, e a categoria “moreno/a”, com 10,0% dos casos. Esta categoria, registre-se, confirma sua importante relevância para os entrevistados(as).

**TABELA 10 – Raça/Cor do entrevistado(a)**

<b><i>Raça/cor</i></b>	<b>%</b>
Branca	34,4
Negra / Preta	24,5
Parda	12,4
Amarela	0,7
Indígena	2,8
Outra	24,6
NR	0,6
<b>Total</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e o Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2016

#### 4.2. Escolaridade e Religiosidade

Em 2007-8 a escolarização indicava que os analfabetos eram 16% desta população e 46,4% não havia chegado a concluir o Ensino Fundamental. Em 2016, 1% admitiu que nunca foi à escola. Apesar da redução do número de analfabetos (6%), este indicador, a despeito de estar abaixo da média nacional (8,3%), encontra-se acima da média da região sul do país que é de 4,4% (Todos pela Educação, 2016), com também da taxa de analfabetismo municipal, verificada no último censo do IBGE (2010), que é de 2,3%. Em relação aos percentuais de participação no Ensino Médio, os números revelaram crescimento. Enquanto aqueles com Ensino Médio Incompleto representaram 9,7% da população, houve um acréscimo de quase 4 pontos percentuais em relação à 2007-8 para os que concluíram este nível da educação básica. Ingressar e/ou concluir o ensino superior continua sendo privilégio de poucos (2,4%), sendo que 0,8% o completou e um percentual mínimo (0,3%) chegou à pós-graduação.

**TABELA 12 – Escolaridade do entrevistado(a)**

<i>Escolaridade</i>	2007		2016	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>
Analfabeto	192	16,0	96	6,0
Ensino Fundamental incompleto	558	46,4	917	57,4
Ensino Fundamental completo	161	13,4	205	12,8
Ensino Médio incompleto	105	8,7	155	9,7
Ensino Médio completo	72	6,0	158	9,9
Ensino Superior incompleto	23	1,9	26	1,6
Ensino Superior completo	8	0,7	12	0,8
Pós-graduação	---	---	5	0,3
Nunca foi à escola	---	---	16	1,0
Aprende sozinho / Ensino Especial	3	0,3	---	---
NS/NR	81	6,8	8	0,5
Inválidos			160	-
<b>Total</b>	<b>1203</b>	<b>100</b>	<b>1758</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2007-8 e 2016.

Em complemento à caracterização da identificação da população, perguntou-se para os entrevistados se eles possuíam alguma religião. À semelhança da população brasileira, a

religião católica sustenta preponderância no credo da população investigada. Ela vem em primeiro lugar com 32,6% da preferência.

**TABELA 13 – Religiosidade do entrevistado(a)**

<i>Tempo em anos</i>	<b>2016</b>
	%
Católica Apostólica Romana	32,6
Evangélicas/Pentecostais	19,9
Umbanda/Batuque/Nação	6,5
Espírita	1,8
Sem religião/Agnóstico	30,1
Outra	3,3
NR	5,8
<b>Total</b>	<b>100</b>
Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2007-8 e 2016	

Na sequência, aqueles que dizem não ter credo algum ganham destaque com 30,1% de indicações. As religiões evangélicas conseguem atrair 19,9% da inclinação religiosa desta população. As religiões ou cultos afros são importantes para 6,5% dos respondentes.

#### **4.3. Pernoite**

Considerando os locais em que geralmente dormem, a pesquisa de 2007-8 assinalou uma dispersão territorial significativa e o uso diversificado dos recursos oferecidos pela cidade. Também revelou uma relativa individualização na busca de soluções de necessidade cotidianas. Esta realidade, passados quase uma década, sofreu poucas alterações. Digno de nota é o fato de uma maior participação dos ambientes institucionalizados, com destaque para os albergues, como preferência de dormitório, ainda que mais da metade da população tenha a ‘rua’ como principal local para dormir. Isto fica mais evidente na comparação dos dados das duas tabelas a seguir.

**TABELA 14 – Locais utilizados com mais frequência como dormitório, 2007-8 (1º e 2º lugar)**

<i>Local</i>	<i>1º lugar</i>		<i>2º lugar</i>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>
Calçadas / Calçadão / Avenida / Rua	247	20,5	94	7,8
Praças / Parques	227	18,9	109	9,1
Albergue	227	18,9	81	6,7
Pontes / viadutos	128	10,6	63	5,2
Em abrigos	73	6,1	53	4,4
Na própria casa	54	4,5	18	1,5
Hotéis / Pensões	39	3,2	22	1,8
Na casa de amigos / parentes	37	3,1	33	2,7
Casas e prédios abandonados / mocós	32	2,7	19	1,6
Terminal de ônibus / Ponto de ônibus	16	1,3	4	0,3
Vários locais	9	0,7	2	0,2
Outros locais	40	3,3	35	3,0
Dorme sempre no 1º lugar	---	---	587	48,8
NR	74	6,2	83	6,9
<b>Total</b>	<b>1203</b>	<b>100</b>	<b>1203</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2007-8.

**TABELA 15 – Locais utilizados com mais frequência como dormitório, 2016 (1º e 2º lugar)**

<i>Local</i>	<i>1º lugar</i>		<i>2º lugar</i>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>
Albergue	381	23,7	110	10,3
Calçadas /Marquises /Abas/Rua	374	23,3	174	16,2
Praças / Parques	239	14,9	112	10,4
Pontes / viadutos	194	12,1	94	8,8
Hotéis / Pensões	66	4,1	38	3,5
Na própria casa	66	4,1	13	1,2
Em abrigos	65	4,0	41	3,8
Na casa de amigos / parentes	31	1,9	42	3,9
Casas e prédios abandonados / mocós	30	1,8	18	1,7
Outros locais	100	6,2	71	6,6
NR	64	3,9	361	33,6
Inválidos	148	-	-	-
<b>Total</b>	<b>1758</b>	<b>100</b>	<b>1074</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2016 (N: 1 lugar: 1758; N 2 lugar: 1074).

A opção por dormir em lugares institucionalizados variou pouco entre uma pesquisa e outra. Em 2007-8, os percentuais foram de 35,8% em primeiro lugar e 16,9% em segundo lugar. Naquela oportunidade a paragem era preferencialmente em albergues (18,9% e 6,7%), abrigos, hotéis ou pensões – em geral pagos pela prefeitura – (9,3% e 5,9%), casa própria ou de parentes e amigos (7,6% e 4,3%). Na atualidade, o uso dos espaços institucionalizados para pernoitar é a primeira opção para 38,8% dos entrevistados e segunda para 22,7%. Neste âmbito, os albergues foram objeto de maior procura pela população, tanto na primeira quanto na segunda opção (23,7% e 10,3%). Já a procura por abrigos, hotéis ou pensões, ou mesmo a própria casa ou de amigos, apresentou pouca oscilação no período. Neste conjunto, é provável que o pequeno incremento da participação dos albergues como dormitório da população possa ter relação com a também pequena diminuição do uso de abrigos, entre uma pesquisa e outra (6,1% em primeira opção e 4,4% como segunda opção, nos dados de 2007-8 e 4% em primeira opção e 3,8% como segunda opção, em 2016). O uso de albergues, frente ao uso de abrigos também aponta para o uso de serviços mais transitórios e pontuais, onde os sujeitos não necessariamente estão vinculados à rede mais ampla de assistência social.

Não obstante, mais da metade dessa população (52,1%) ainda dorme cotidianamente e prioritariamente em lugares de risco e improvisados e com forte exposição ao ambiente natural. Apesar de uma redução de cerca de 10% como primeira opção de local para dormir, é relevante o fato de que esses espaços aparecerem com maior frequência como segunda opção (cerca de 28,1%). Deste modo, conclui-se que, à semelhança com os resultados de 2007-8, 70% da população estudada pode ser caracterizada como “moradora de rua”. Os principais locais para dormir continuam sendo as ruas, marquises ou calçadas (23,3% e 16,2%), praças e parques (14,9% e 10,4%) embaixo de pontes e viadutos (12,1% e 8,8%). Os outros locais apontados, são muito diversificados, como prédios abandonados (mocós), rodoviária, garagens, locais diversos ou sem lugar fixo, etc.

#### **4.4. Legalidade da vida pessoal**

A posse de documentos formais, em uso em nossa sociedade, constitui-se em indicador de inclusão social. O que se percebe é que mais da metade dessa população informou possuir a maioria dos documentos corriqueiros da cidadania. Mesmo o título de eleitor (42,9%), em contexto de crescente desconfiança no sistema eleitoral e nos partidos, indicou um aumento de quase 7 pontos percentuais se se considerar os resultados da pesquisa de 2007-8. Os demais indicadores mostraram que mais de 60% afirmam possuir documentos importantes como Carteira de Identidade (65,4%), CPF (61,4%) e Certidão de nascimento (61,3%). Estes percentuais sugerem ser resultado de maior sinergia entre interesse e disponibilidade de informação por parte desta população com o acesso aos serviços públicos que tratam dos registros de identidade. No entanto, mesmo que o acesso aos documentos formais esteja melhorando para esta população, ainda há um universo significativo da mesma alijada deste direito básico de cidadania. Isto é tão mais sintomático em relação à obtenção de benefícios sociais, notadamente a posse do cartão do SUS que pouco ultrapassa os 50% desta população. Indo além, nem 10% possui CNH, fato este que concorre para reduzir as possibilidades de inserção no mercado laboral.

**TABELA 16 – Documentos que o entrevistado possui, 2007-8**

<b>DOCUMENTOS</b>	<b>%</b>	<b>%</b>	<b>%</b>	<b>%</b>
Carteira de Identidade	50,0	44,1	5,9	<b>100</b>
CPF	41,3	53,0	5,7	<b>100</b>
Carteira de trabalho	36,1	57,9	6,0	<b>100</b>
Título de eleitor	37,0	56,9	6,1	<b>100</b>
Certidão de nascimento/casamento	53,1	40,6	6,2	<b>100</b>
Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2016				

**TABELA 17 – Documentos que o entrevistado possui, 2016**

<b>Documentos</b>	<b>NS/NR</b>			
Carteira de Identidade	65,4	34,1	0,6	<b>100</b>
CPF	61,4	38,0	0,6	<b>100</b>
Título de eleitor	42,9	56,6	0,6	<b>100</b>
Certidão de nascimento	61,3	38,1	0,6	<b>100</b>
Certidão de casamento	9,2	90,1	0,8	<b>100</b>
CNH Social	9,1	90,3	0,6	<b>100</b>
Cartão SUS	51,6	47,8	0,6	<b>100</b>
Cadastro único (NIS/PIS/PASEP)	42,9	56,3	0,8	<b>100</b>
Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2016				

